

Diplomacia dinâmica

Ao revelar recentemente o programa de compromissos internacionais do Presidente da República para o corrente ano, o chanceler Luiz Felipe Lampréia mostrou o empenho pessoal com que Fernando Henrique Cardoso se engaja nos trabalhos bilaterais e multilaterais — ele, que já foi ministro das Relações Exteriores. A soma de compromissos no Brasil e no exterior em matéria de política externa mostra que o Itamaraty e o Planalto, agindo em comum, injetam na diplomacia brasileira um forte dinamismo que certamente resultará em proveito para o Brasil nos mais diversos campos de seu interesse econômico, social e cultural.

É uma agenda avantajada em compromissos para este ano, alguns dos quais já cumpridos, como as viagens ao Uruguai e ao Chile e a recente visita do Presidente Lech Walesa, da Polônia. No decorrer do ano, o presidente tem programadas diversas viagens ao exterior, tanto em compromissos multilaterais — como o cinquentenário do fim da II Guerra Mundial, em maio, em Londres, e os 50 anos da ONU, em Nova Iorque, em setembro — quanto de outra natureza. Por conta disso, FHC deverá ir também à Argentina, ao Peru, Estados Unidos, Portugal, Venezuela, África do Sul, Alemanha, Japão, Índia, China. E mais as reuniões de presidente do Mercosul, do Grupo do Rio, da cúpula Iberoamericana e o Gru-

po dos Quinze.

A “diplomacia presidencial”, como a classifica o ministro das Relações Exteriores, reforça o peso e a autoridade com que o Brasil vai tratar de questões ligadas desde a integração regional no Mercosul até políticas bilaterais de investimentos, tecnologia, intercâmbio cultural. Sem falar, é claro, dos problemas de redução da miséria, da segurança e da paz internacionais, e das questões mais específicas de educação, de ciência e de cultura.

A diplomacia dinâmica posta em marcha no governo FHC está em sintonia com os interesses nacionais e com os novos costumes que regem as relações internacionais. Como lembrou o ministro Lampréia, por exemplo, até há poucos anos o Brasil não tinha o hábito de se fazer representar pelo seu próprio presidente nas cerimônias de posse de outros chefes de Estado, especialmente no continente. Mas aderiu a esse costume de alguns países latino-americanos depois de se convencer das vantagens de um contato pessoal de chefes de governo desde o primeiro dia de uma nova administração. Esse último aspecto é revelador de uma nova postura adotada pela diplomacia brasileira, em consonância com os novos tempos e, sobretudo, com as novas formas de atuação que resultem em real proveito para o futuro do País.